

Um estudo de caso sobre o ensino de língua estrangeira: contrastando lei, teoria e prática

Luciana Iost Vinhas
Universidade Católica de Pelotas

Resumo: O trabalho trata do ensino de língua inglesa em escolas localizadas em uma cidade do Sul do Brasil. É proposto que se contrastem lei, teoria e prática, sendo apresentados os conteúdos, os procedimentos didático-pedagógicos e os objetivos subjacentes identificados na observação de cinco cadernos de alunos matriculados em cinco escolas públicas de Pelotas. A reflexão propõe que, para que ocorra o exercício da cidadania, seria necessário trabalhar, pelo menos, a leitura e a produção textual em sala de aula. Também é importante que se pense sobre o estatuto da disciplina de língua estrangeira nas escolas, devendo haver mais diálogo entre teoria, lei e prática.

Palavras-chave: ensino; língua estrangeira; lei, teoria e prática.

INTRODUÇÃO

Movimentos políticos, dos mais variados tipos, parecem indicar que os problemas enfrentados pela sociedade brasileira na atualidade serão, pelo menos em parte, resolvidos. Mudanças no poder, investigações policiais, greves e protestos de funcionários públicos de diversas funções evidenciam que há algo de novo a surgir. O trabalhador passivo que outrora ocupava esses lugares não mais concorda com as políticas de exclusão, o que deve trazer muitos benefícios para toda a sociedade brasileira.

Este estudo situa-se no âmbito da educação. Com uma visão otimista sobre o que está reservado a professores, alunos e funcionários das escolas, proponho uma discussão sobre a situação atual, tentando trazer contribuições. Centro-me no ensino de línguas estrangeiras (LEs), delimitando o debate ao ensino da língua inglesa no ensino fundamental. Esta proposta parte da necessidade de discutir o ensino de língua estrangeira nas escolas brasileiras, dado o estatuto diferenciado dessa disciplina no currículo do ensino fundamental.

Justifica-se essa iniciativa considerando-se que, como se sabe, há fatores que dificultam o trabalho do professor de língua inglesa. Pouca carga horária, muitos alunos desinteressados, recursos didático-pedagógicos escassos e salas de aula cheias

colaboram para que o professor não consiga trabalhar os aspectos necessários a fim de que seu aluno seja minimamente competente em alguma habilidade da língua estrangeira ministrada.

Em face dessas ponderações, é urgente que a situação do ensino da língua inglesa seja posta em xeque, sendo dois os objetivos que norteiam este estudo: 1) discutir como se ensina inglês atualmente, tendo em vista os conteúdos abordados, os procedimentos didático-pedagógicos adotados e os objetivos subjacentes à prática do professor; e 2) comparar lei, teoria e prática quanto aos três aspectos referidos. A fim de cumprir essa proposta, contrastei a lei, a teoria e a prática por meio de um levantamento de documentos oficiais, de trabalhos publicados na área de ensino de línguas estrangeiras e de cadernos de alunos do ensino fundamental.

Busquei contemplar as metas do trabalho por meio de visitas a cinco escolas da rede pública da cidade de Pelotas¹ e, então, entrando em contato com a coordenação pedagógica dos estabelecimentos, realizei cópia de cadernos de alunos que cursavam o ensino fundamental em cada um deles, sendo os cadernos escolhidos pelos professores responsáveis pela disciplina de Língua Inglesa.² Em cada escola, o responsável pela seleção do caderno foi o próprio professor, a fim de que tivesse a liberdade de escolher o considerado mais apropriado, pois, dependendo do aluno, existe uma diferença quanto à organização dos conteúdos.

É importante referir que somente foi pedido um caderno em cada escola de qualquer uma das quatro séries (quinta a oitava), preferencialmente da sexta série. Assim, será possível discutir sobre como a língua inglesa está sendo ensinada atualmente nas escolas em que foram coletados os cadernos, sendo possível uma generalização para o ensino de inglês na cidade de Pelotas. Não foi pedido mais de um caderno por escola, visto que, geralmente, o número de professores que ministra disciplinas de língua estrangeira é bastante reduzido se comparado à quantidade de

¹ Às coordenadoras pedagógicas das escolas, eu gostaria de agradecer pela atenção e pelo empréstimo do material utilizado para a elaboração deste artigo. Por motivos éticos, os nomes das escolas não serão aqui citados.

² É importante referir que, em um primeiro momento, coletei cadernos de alunos que estavam na sexta série, a fim de manter um padrão. No entanto, como será posteriormente explicado, somente em uma escola isso não foi possível, sendo coletado um caderno da oitava série.

professores de outras disciplinas. Isso se deve ao fato de a língua estrangeira ter, na maioria das vezes, somente um período de aula por semana.

Para a análise do material coletado nas escolas, foi selecionada uma folha de cada caderno a fim de expor uma amostra de como são dispostos os conteúdos. A seleção das páginas apresentadas foi feita tendo em vista alguma atividade mais comum identificada em cada caderno.

Este artigo está estruturado em cinco seções. Na primeira, é feita uma revisão do que dispõem os documentos oficiais sobre o ensino de língua estrangeira, sendo selecionados a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCNs). Na segunda seção, são referidas duas propostas para o ensino de língua estrangeira no ensino fundamental. Em um terceiro momento, são apresentados os cadernos dos alunos, acompanhados de uma reflexão sobre 'o quê', 'como' e 'para que' se está ensinando língua inglesa. Um debate contrastando os documentos oficiais, as teorias e as práticas é levantado na quarta seção do artigo. Por último, na quinta seção, são apresentadas as considerações finais.

O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS

Há, fundamentalmente, dois documentos oficiais que estruturam o regimento interno das instituições de ensino do território nacional: a Lei no 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) foi sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso em 20 de dezembro de 1996, ao passo que os PCNs foram entregues pelo Ministro da Educação e do Desporto Paulo Renato Souza aos professores das séries finais do ensino fundamental dois anos mais tarde, em 1998. Assim, ao final da década de 1990, parecia que um movimento de renovação dissipava-se pelas escolas brasileiras.

Os artigos da Lei no 9.394/96 parecem ser cumpridos pelas escolas; contudo, aqueles relacionados a princípios e a objetivos ainda deixam algumas dúvidas, por serem de difícil observação direta. No artigo 22, temos os objetivos da educação básica: "A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando,

assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Brasil, 1996). Esses objetivos são de difícil avaliação, pois não se sabe se o educando que atinge essas metas é aquele com notas boas, aquele que consegue um emprego ou entra em uma faculdade ao sair da escola, ou aquele cujos esforços concentravam-se em não repetir o ano, por exemplo. Qual seria, então, o perfil do aluno que atinge os objetivos da educação básica?

Quanto à língua estrangeira, o artigo 26, §5º, é de grande importância. Ele diz respeito à parte diversificada do currículo, ou seja, à língua estrangeira, a qual deve ser introduzida nas escolas, obrigatoriamente, a partir da quinta série do ensino fundamental. A língua estrangeira moderna a ser trabalhada é escolhida pela comunidade escolar, e, na maioria das vezes, ela é o inglês ou o espanhol.

A Lei 9.394/96 teve boa repercussão nas escolas – talvez por ser uma lei e, como tal, dever ser cumprida. No entanto, não se pode dizer o mesmo dos PCNs que, talvez por não terem o estatuto de “lei”, parecem não ter sido muito considerados pelas instituições de ensino brasileiras.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental apresentam objetivos que são comuns a todas as disciplinas do currículo. Mais especificamente acerca da língua estrangeira, dentro das observações iniciais, é referido que “a aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ele deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social” (p.15).

Segundo os PCNs, a leitura deve ser o primeiro foco do ensino de língua estrangeira, sendo atribuída uma posição periférica às outras habilidades lingüísticas. O foco, no entanto, pode ser ampliado de acordo com os objetivos do professor. O que é considerado com mais ênfase é o engajamento discursivo do aluno por meio de leitura em língua estrangeira.

Muitos eixos temáticos podem ser explorados para o trabalho com a leitura. Conforme explicitado em Leffa (1999),

[...] os parâmetros estão baseados no princípio da transversalidade, destacando o contexto maior em que deve estar inserido o ensino das línguas estrangeiras e incorporando questões como a relação entre a escola e a juventude, a diversidade cultural, os movimentos sociais, o problema da violência, o tráfico e uso de drogas, a superação da discriminação, educação ambiental, educação para a segurança, orientação sexual, educação para o trabalho, tecnologia da comunicação, realidade social e ideologia.

Para desenvolver o engajamento discursivo por meio da atividade de leitura e para mostrar ao aluno que a linguagem é uma prática social, um procedimento pedagógico recomendado pelos PCNs envolve a submissão de “todo texto oral e escrito a sete perguntas: quem escreveu/falou, sobre o que, para quem, para que, quando, de que forma, onde?” (Brasil, 1998, p.43). O professor deve nortear sua atividade de leitura pelas perguntas propostas a fim de atingir os objetivos maiores de prática social. Ele deve tomar cuidado para adequar o tema à idade dos alunos e ao meio social em que vivem (cf. *ibid.*, p.44).

O trabalho com a leitura deve possibilitar não só a discussão de diferentes temas, mas, também, o contato do aluno com vários tipos de texto, pois “a utilização em sala de aula de tipos de textos diferentes, além de contribuir para o aumento do conhecimento intertextual do aluno, pode mostrar claramente que os textos são usados para propósitos diferentes na sociedade” (*ibid.*, p.45). A variedade de texto desperta o interesse do aluno acerca das diversas possibilidades de colocar-se no engajamento discursivo.

O aluno deve receber esses textos, colocar-se discursivamente na sociedade e manter uma posição crítica sobre o que seja defendido no que leia. Conforme afirmado nos PCNs, “a consciência crítica de como a linguagem é usada no mundo social pode ser bem desenvolvida em Língua Estrangeira, devido ao distanciamento que ela oferece, possibilitando um estranhamento mais fácil em relação ao modo como as pessoas usam a linguagem na sociedade” (*ibid.*, p.47). Assim podem ser resumidas as principais considerações sugeridas pelos PCNs para o ensino de língua estrangeira: 1) a atividade necessita propiciar o engajamento discursivo do aluno e sua autopercepção como ser humano e como cidadão; 2) o foco deve se dar nas atividades de leitura; 3) devem ser abordados diferentes eixos temáticos na atividade de leitura em língua

estrangeira; 4) os procedimentos didático-pedagógicos podem, preferencialmente, envolver sete perguntas sobre o texto lido; 5) o tema do texto precisa ser adequado à idade e ao meio social do aluno; 7) diferentes tipos de texto devem ser apresentados; e 8) o aluno deve desenvolver uma postura crítica.

O QUE DIZ A LITERATURA

Nesta seção, são apresentadas duas abordagens sobre como deve ser trabalhada a LE nas salas de aula do ensino fundamental. A primeira admite a importância do ensino da leitura (cf. Moita Lopes, 1996); a segunda defende que, na sala de aula de língua inglesa, deve ser adotada uma abordagem comunicativa, com o foco nas quatro habilidades – escuta, fala, leitura e escrita (cf. Santos, 2001).

Moita Lopes (1996) faz várias ponderações sobre o ensino de línguas estrangeiras, inclusive sobre comentários e crenças de que as LÊs são, muitas vezes, entendidas como desnecessárias para a formação do aluno da escola pública. Considerando os fatores que interferem na prática do professor de língua inglesa citados anteriormente, talvez o autor tenha razão, pois, frequentemente, o professor de língua inglesa tem somente um período de 50 ou 45 minutos por semana para ensinar uma língua estrangeira cujas semelhanças com a língua materna dos alunos são muito poucas.

O autor afirma ser inegável que a qualidade do ensino de LÊs deixa a desejar, principalmente por não ser pensado a partir da função social da LE no Brasil. Para Moita Lopes, a única habilidade que parece ser justificada socialmente é a da leitura, pois as necessidades de se aprender uma língua estrangeira como o inglês, geralmente, devem-se a dois fatores: leituras de textos em inglês em certos campos acadêmicos e exames de seleção de programas de pós-graduação. O autor ainda registra que a produção científica, nas diversas áreas do conhecimento, é escrita em inglês, muitas vezes por falantes não-nativos, portanto, a habilidade da leitura deve ser privilegiada, para que o ensino de língua estrangeira no ensino fundamental atinja o seu objetivo de ter uma função social. Moita Lopes (ibid., p.130) afirma que “considerar o inglês no Brasil como um recurso para a comunicação oral parece negar qualquer relevância social para a sua aprendizagem”. Então, caso um aluno

tenha necessidade de desenvolver as outras três habilidades, ele deve procurar um curso de línguas, pois, na escola, devido às condições já mencionadas, elas não são ensinadas suficientemente para serem aprendidas plenamente. O autor argumenta que o objetivo do ensino de língua estrangeira no ensino fundamental deve ir ao encontro de sua função social da sociedade brasileira atual, ou seja, deve ser centrado na leitura, e essa é a única justificativa social para a aprendizagem de LE. Moita Lopes (ibid., p.131) relata que

No contexto das escolas públicas brasileiras é irreal se advogar o foco nas chamadas quatro habilidades lingüísticas, tendo em vista as condições existentes no meio de aprendizagem: carga horária reduzida; um grande número de alunos por turma; domínio reduzido das habilidades orais por parte da maioria dos professores; ausência de material instrucional extra além do livro e do giz etc.

Santos (2001), por sua vez, defende idéias que não vão ao encontro daquelas expostas por Moita Lopes (1996). A autora inicia afirmando que os PCNs são incoerentes, pois, em um primeiro momento, dispõem não haver limitações quanto à escolha da língua estrangeira a ser trabalhada na escola e quanto às capacidades/habilidades a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, referem também que a função social do ensino de uma língua estrangeira no ensino fundamental relaciona-se, sobretudo, à prática da leitura. Tais comentários estabelecem “uma incoerência discursiva interna” (Santos, 2001, p.40).

Outro aspecto criticado pela autora reside no argumento de que as salas de aula de LE não possibilitam o trabalho com as quatro habilidades devido à falta de material e ao número excessivo de alunos por turma. Conforme Santos, esse raciocínio é bastante conveniente para que não se tomem atitudes para a diminuição do número de alunos por turma e para que não se invista em materiais apropriados, por exemplo. Mais uma vez, parece que as escolas públicas são desvalorizadas, pela falta de interesse em investir na educação, deixando-se de trabalhar plenamente com a língua estrangeira para se dar lugar ao argumento de que a função social da LE é a leitura, bem mais fácil de ser ministrada do que uma aula

de produção oral, por exemplo. Para a autora, o foco na leitura é um argumento que vem sendo utilizado como uma vertente de natureza externa, com o propósito de “justificar atitudes e práticas pedagógicas no ensino e aprendizagem em língua inglesa que consideramos inadequadas para os nossos dias” (ibid., p.41-42). A autora defende que, para o pleno exercício da cidadania, talvez o principal objetivo do ensino fundamental presente nos PCNs, o aluno deve ter a oportunidade de desenvolver as quatro habilidades em LE dentro da escola, e não fora dela, o que é uma questão bastante significativa. A função social da LE estaria ligada à possibilidade de o aluno sair capacitado a receber e produzir textos orais e escritos em língua estrangeira. Se somente é trabalhada a leitura, não existe pleno exercício da cidadania, pois

[...] é de fundamental importância que essa busca do ilimitável, especialmente no contexto da escola pública, possa voltar-se para o desenvolvimento das mais variadas habilidades de compreensão e de produção do discurso escrito e oral, de forma a permitir o amplo acesso ao conhecimento e ao pleno exercício da cidadania (ibid., p.42).

A visão de Santos (2001) é também sustentada por Klee, Ferrúa & Moor (2001). As autoras afirmam que a abordagem comunicativa é a “teoria que melhor atende a uma das características naturais da comunicação, qual seja, a de estabelecer relações sociais” (ibid., p.144).

Nesta seção, foram apresentadas duas perspectivas acerca do ensino de língua estrangeira nas escolas brasileiras no ensino fundamental. Moita Lopes (1996) defende que se focalize a leitura, ao passo que Santos (2001) apresenta argumentos para que as quatro habilidades sejam trabalhadas igualmente. As justificativas para essas escolhas visam estabelecer um elo entre a aprendizagem de uma LE e uma função social, o exercício da cidadania.

COMO SE ENSINA

A fim de esboçar um breve perfil de como se tem ensinado a língua inglesa em Pelotas, foram coletados cinco cadernos de cinco escolas da rede pública, sendo todas as escolas situadas na zona urbana da cidade. Mediante contato com a coordenação

pedagógica das escolas, foi pedido um caderno da sexta série do ensino fundamental. Nas cinco escolas – doravante designadas E1, E2, E3, E4, e E5 –, foi possível recolher cadernos dessa série, exceto na E3. Nesta, a língua espanhola era trabalhada na quinta e na sexta séries, sendo a língua inglesa introduzida somente na sétima série. O caderno da E3, então, pertence a um aluno da oitava série do ensino fundamental.

Como já foi mencionado, três eixos serão observados nos cadernos: conteúdos (C), procedimentos didático-pedagógicos (PDP) e objetivos subjacentes (OS). Os quadros 1 a 5 detalham esses eixos.

Na E1, são adotados diferentes procedimentos didático-pedagógicos para se desenvolverem os conteúdos. O caderno analisado possui diversas folhas fotocopiadas com exercícios, o que facilita o trabalho do professor, pois, assim, ele não perde tanto tempo ao escrever exercícios no quadro. Há, no entanto, muitos exercícios de completar as frases e de tradução. Além disso, há muitos exercícios iguais, repetidos algumas vezes ao longo do ano; contudo, foi possível a identificação de diversos textos para interpretação.

Eixo	Escola 1
C	Dias da semana; meses do ano; materiais escolares; números cardinais; a/an; cores; família; pronomes pessoais; verbo <i>to be</i> ; profissões; países; nacionalidades; esportes; pronomes demonstrativos; roupas; o tempo; partes da casa; móveis; comidas; bebidas; <i>there to be</i> .
PDP	Listas de palavras e de frases; <i> siga o exemplo</i> ; desenhos; leituras com perguntas e respostas; <i>liga as colunas</i> ; <i>escreva em inglês</i> ; <i>leia e complete em português</i> ; <i>coloque em ordem as palavras</i> ; <i>circula a resposta correta</i> ; tradução; palavras cruzadas; <i>usa o verbo to be</i> ; <i>colore os animais</i> ; Verdadeiro ou Falso; <i>use a forma negativa e a forma interrogativa</i> ; loto.
OS	Aumentar o vocabulário; aumentar o conhecimento metalingüístico; desenvolver a habilidade da leitura; traduzir textos em inglês; desenvolver o conhecimento pragmático.

Quadro 1 – Eixos observados: E1.

A Figura 1 reproduz uma folha do caderno da E1, onde se vê uma atividade de leitura. Durante a aula, fora colocado um texto (uma carta) no quadro, e, a partir dele, os alunos responderam a perguntas e preencheram quadros, sendo introduzidos novos itens lexicais. Além de os alunos realizarem atividades contextualizadas com a leitura, geralmente é pedido que façam a tradução do texto. Se os alunos já responderam a perguntas e fizeram outros tipos de exercícios sobre o texto, questiona-se a necessidade de ser feita também a tradução.

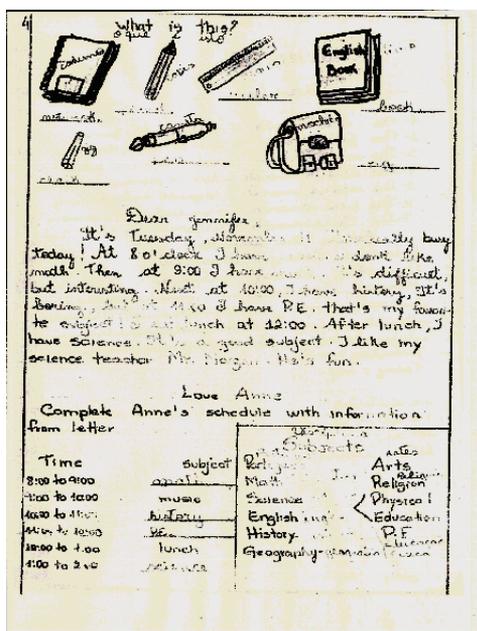


Figura 1 - Caderno da Escola 1.³

Na E2, também se encontraram alguns exercícios de tradução, no entanto, esses exercícios constituem frases soltas, não abrangendo um texto inteiro, como na E1. No caderno da E1 são identificados ainda vários exercícios relacionados à estrutura da língua. Outros exercícios bastante frequentes são completar frases com o verbo to be, passar frases da forma afirmativa para a negativa ou interrogativa e seguir o modelo.

³ No Anexo A, constam as transcrições das folhas mostradas.

Eixo	Escola 2
C	Expressões de sala de aula; disciplinas escolares; adjetivos; alfabeto; números cardinais; família; adjetivos possessivos; verbo <i>to be</i> (afirmação, negação e pergunta); países; nacionalidades; cores; profissões; esportes; a/an; números ordinais.
PDP	Listas de palavras e de frases copiadas no caderno; <i>escreva em inglês; liga as colunas; responda as perguntas; solete; traduza; recolhe o número de telefone dos colegas; Verdadeiro ou Falso; complete as frases com o verbo to be; siga o modelo; perguntas sobre texto; escreve o número.</i>
OS	Desenvolver o conhecimento pragmático; promover a interação entre os colegas; aumentar o vocabulário; aumentar o conhecimento metalingüístico; traduzir frases em inglês; memorizar itens lexicais.

Quadro 2 – Eixos observados: E2.

Apesar do excesso de atividades estruturais, a professora da E2 preconiza algumas práticas com a promoção da interação entre os alunos. Uma delas reside em os alunos recolherem o telefone dos colegas, a fim de que todos tenham os números. A atividade promove a utilização oral da língua estrangeira e uma movimentação dos alunos pela sala de aula, sendo estabelecida, portanto, uma relação diferente entre os alunos e entre o aluno e o professor. Na Figura 2, pode ser observada uma folha do caderno da E2.

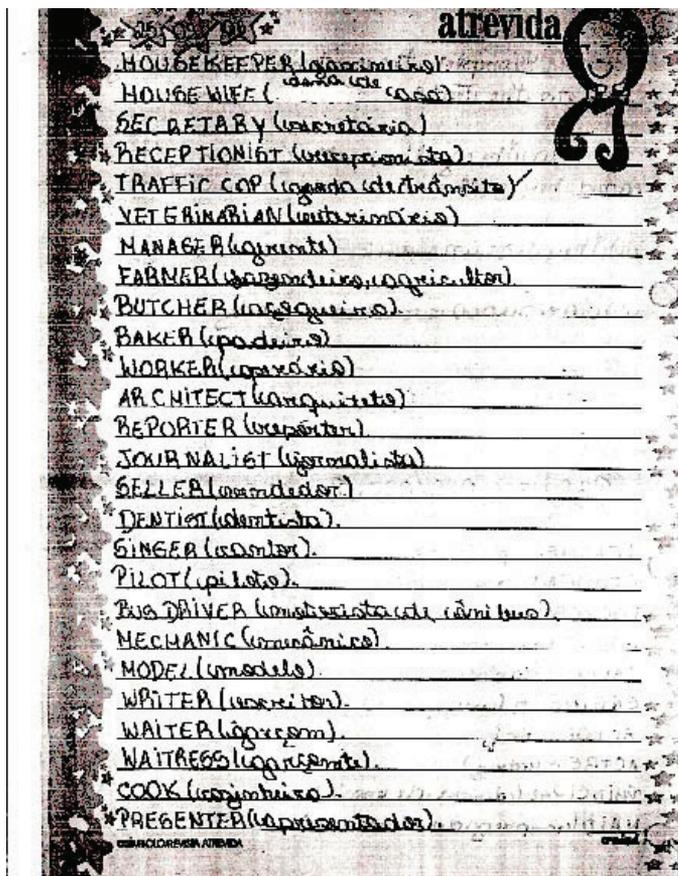


Figura 2 - Caderno da Escola 2.

No caderno da E3, há um pedaço de uma lista de itens lexicais referentes a profissões, que se estendem por mais duas páginas. Esse não é um aspecto positivo nessa escola, visto que os alunos passariam praticamente toda a aula copiando palavras do quadro, e a professora teria bastante desgaste para conseguir passar o mesmo conteúdo em todas as aulas. Embora haja trabalho com a leitura nessa escola, ele é um pouco ofuscado pela quantidade de exercícios estruturais e de listas de palavras.

Eixo	Escola 3
C	Apresentações; verbo <i>to be</i> (afirmação, negação e pergunta); adjetivos possessivos; pronomes demonstrativos; artigos; dias da semana; meses do ano; verbo <i>to have</i> ; disciplinas escolares; presente simples (afirmação, negação e pergunta); uso do auxiliar <i>do</i> ; pronomes interrogativos; números cardinais; estações do ano; <i>there to be</i> ; países; nacionalidades; profissões; partes do corpo; horas.
PDP	<i>Apresente seu colega para a turma</i> ; tabela de conjugação; tradução de frases; listas de palavras novas de acordo com a classificação gramatical; leitura e interpretação com diferentes gêneros textuais; <i>complete as frases</i> ; palavras cruzadas; <i>liga as colunas</i> ; Verdadeiro ou Falso; <i>escreva textos em inglês</i> ; <i>escute e marque a resposta correta</i> .
OS	Desenvolver o conhecimento pragmático; promover a interação entre os colegas; traduzir frases em inglês; memorizar itens gramaticais e lexicais; desenvolver a competência metalingüística; desenvolver a habilidade da leitura e da interpretação de textos; desenvolver a compreensão auditiva.

Quadro 3 – Eixos observados: E3.

Uma das primeiras atividades presentes no caderno da E3 é “apresente seu colega para a turma”. Essa atividade oral na língua estrangeira considera não só a interação entre colegas no primeiro dia de aula, mas também o reconhecimento da importância de certas expressões do inglês. No entanto, na página seguinte, há uma tabela da conjugação do verbo *to be* no presente, nas formas afirmativa, negativa e interrogativa. Durante todo o caderno, atividades de leitura de textos e aspectos metalingüísticos são intercalados.

Mesmo sendo esse caderno da oitava série do ensino fundamental, é importante notar que são trabalhados os mesmos conteúdos inscritos na sexta série das outras escolas, todavia, existe uma diferença bastante significativa quanto à diversidade de atividades registradas nesse caderno e nos outros quatro cadernos da sexta série. Isso pode se dever ao fato de que E3 é a única escola cujo caderno recolhido é da oitava série. Talvez, nessa série, os alunos tenham mais capacidade para trabalhar com diferentes

sempre, o trabalho sobre a língua, algo que parece indispensável no ensino de língua inglesa.

O caderno recolhido na Escola 4 não estava completo, pois todos os alunos utilizavam fichário e, ao término de cada trimestre, retiravam as folhas para não precisarem carregar material que não seria utilizado em sala de aula. Assim, aqui serão discutidas somente as atividades desempenhadas ao longo do terceiro trimestre.

Eixo	Escola 4
C	Idade; <i>how much/how many</i> ; presente simples; preposições <i>to e from</i> ; <i>there to be</i> no presente simples e no passado simples (afirmação, negação e pergunta); números cardinais; esportes; imperativo (afirmação e negação); verbos.
PDP	Explicações metalingüísticas; conjugação de verbos no presente; <i>complete as frases</i> ; tradução de frases; <i> siga o modelo</i> ; palavras cruzadas; leitura e interpretação; <i>relacione as colunas</i> ; Verdadeiro ou Falso; listas de itens lexicais de diferentes classes gramaticais; <i>complete as frases de acordo com o texto</i> ; tradução.
OS	Desenvolver a competência metalingüística; memorizar regras gramaticais; fazer leituras superficiais de textos em inglês; memorizar itens lexicais.

Quadro 4 - Eixos observados: E4.

No caderno da E4, há um número excessivo de explicações gramaticais. O uso do presente simples, por exemplo, é bastante explicado e, após essa explicação, há exercícios de conjugação de verbos nesse tempo. O trabalho com textos é muito pouco explorado e, quando acontece, baseia-se em textos curtos e sem muita contextualização. Novos itens lexicais presentes nesses textos não são trabalhados. Listas de palavras de diferentes categorias gramaticais, exercícios estruturais e conjugação de verbos no presente simples são as atividades mais frequentes nesse caderno.

Na Figura 4, pode ser analisada a folha referente ao caderno da E4. Note-se que, em uma folha inteira, a prioridade é dada para a conjugação de verbos no presente simples. Parece que essa atividade é mais comum nas escolas do que se imagina, como poderá ser constatado no caderno da E5.



Figura 4 - Caderno da Escola 4.

O caderno da E5 é também bastante focado no desenvolvimento das competências metalingüísticas dos alunos. Exercícios de preencher espaços em branco com a forma correta do verbo, descrever animais ou pessoas e responder a perguntas para praticar determinado conteúdo gramatical de forma descontextualizada são bastante comuns. Um ponto bastante negativo desse caderno é o de haver só um texto, bastante curto, que trata das estações do ano. Não há exploração mais ampla desse texto, somente a cópia dele no caderno.

Cabe destacar que um ponto foi abordado somente na E5. Embora o Halloween costume ser bastante explorado, essa data festiva norte-americana não foi mencionada nas outras quatro escolas visitadas. A Figura 5 evidencia que, no caderno da E5, predominam descrições de pessoas e de animais e, principalmente, o trabalho com a conjugação de verbos.

Eixo	Escola 5
C	Dias; meses; estações; roupas; tempo; cores; pronomes pessoais; verbo <i>to be</i> (afirmação, negação e pergunta); adjetivos; respostas curtas; países; nacionalidades; preposição <i>from</i> ; meio ambiente; verbo <i>can</i> (afirmação e negação); animais; verbo <i>to have</i> ; partes do corpo; Halloween; números cardinais e ordinais; datas.
PDP	Listas de palavras; perguntas e respostas sobre vocabulário; <i>descreva pessoas; complete as frases com o verbo to be; traduza as frases; desenha e descreve pessoas; responda as perguntas; utilize o verbo can; conjuga o verbo to have.</i>
OS	Memorizar listas de vocabulário; desenvolver a competência metalingüística; traduzir frases em inglês.

Quadro 5 – Eixos observados:



Figura 5 – Caderno da Escola 5.

UM CONTRASTE

Nesta seção, busco discutir como se ensina inglês atualmente, tendo em vista os cadernos recolhidos. Alguns aspectos parecem ser importantes, em um primeiro momento: 1) o que prevalece no ensino de língua inglesa parece ser o trabalho com itens lexicais e o verbo *to be*; 2) há várias tentativas de trabalho com texto, mesmo considerando-se os poucos recursos das escolas para o desempenho dessa atividade; 3) os textos trabalhados não promovem discussões acerca dos temas propostos pelos PCNs. Pensando nesse último aspecto, pergunta-se: será que os professores estão errados em não contemplar os temas sugeridos nos PCNs ou, simplesmente, devido ao pouco domínio das habilidades escritas na LE, os alunos não são capazes de interpretar textos mais complexos, com diferentes temáticas?

Cabe referir que parece haver uma grande incoerência sobre o que deve ser priorizado no ensino de línguas estrangeiras, conforme já apontado por Santos (2001): há a necessidade do pleno exercício da cidadania, por meio do trabalho com as quatro habilidades, mas não há condições para o desempenho desse trabalho. Assim sendo, qual seria a verdadeira função social do ensino de língua estrangeira?

Penso em uma outra possibilidade: considerando as condições de ensino de língua estrangeira nas escolas de Pelotas, é bastante difícil desenvolver as quatro habilidades com os alunos, devido às salas de aula cheias, à escassez de materiais, à carga horária, e, também, professores que não dominam plenamente as quatro habilidades. Há a necessidade de o trabalho com a LE ter uma função social. Então, para que ele não seja somente baseado na recepção de conhecimento estrangeiro – um dos motivos de se trabalhar a leitura na sala de aula evidenciado por Moita Lopes (1996) –, sugiro que também a escrita seja incorporada às práticas dos professores de língua estrangeira. Como pode ser observado nos cadernos dos alunos, há certa preocupação quanto à compreensão de textos.

Concordo com Moita Lopes (1996), quando o autor afirma que a produção científica nas diversas áreas do conhecimento é escrita em inglês, e, muitas vezes, por falantes não-nativos. Aí está, segundo o autor, a função social da língua estrangeira em um país

como o Brasil. O foco deveria ser a leitura, contudo, não seria importante também o trabalho com a escrita, para que não nos tornemos meros receptores de conhecimento estrangeiro, mas, também, construtores de conhecimento? Acredito que a verdadeira função social da língua estrangeira esteja no foco da leitura e da escrita nas salas de aula de língua estrangeira das escolas públicas.

Encerrando esta seção, ficam algumas questões para debate. Primeiramente, cabe indagar se, com os poucos recursos disponibilizados pela escola, com o tempo limitado para o trabalho com o inglês, com o pouco tempo do professor para preparar aulas, será que existe outra maneira de se trabalhar a língua estrangeira nas escolas públicas? Quanto à função social atribuída à leitura, ela vai ao encontro do exercício da cidadania? Por sua vez, as universidades estão formando professores conscientes da função social do ensino de línguas estrangeiras e do exercício da cidadania?

Os cadernos aqui descritos parecem evidenciar que o trabalho com o conhecimento metalingüístico da língua estrangeira predomina, em geral, nas escolas. Muitos exercícios estruturais, listas de palavras, conjugações verbais e preocupações concernentes ao sistema ainda são maioria no ensino de língua estrangeira nas escolas públicas desse contexto educacional. No entanto, ainda que seja muito sutil, existe um movimento de mudança, principalmente nas três primeiras escolas: o trabalho com a leitura, com a compreensão auditiva e com a produção textual são evidências de que o sistema educacional brasileiro é capaz de sustentar uma prática diferenciada do ensino de língua estrangeira, sendo, então, atingido o objetivo mais geral da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, qual seja, o exercício da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta discussão, espero ter conseguido articular lei, teoria e prática e, assim, desenvolver reflexões acerca do atual ensino de língua estrangeira. Considerando os conteúdos desenvolvidos, os procedimentos didático-pedagógicos adotados e os objetivos subjacentes à prática do professor, busquei comparar o “como se ensina” ao que é legislado e ao que é teorizado. Pode constatar que os cadernos aqui observados são bastante coerentes

com a realidade do ensino de língua estrangeira nas escolas públicas. Esperava encontrar mais exercícios relacionados ao sistema e listas de vocabulário, no entanto, cadernos organizados, com datas em inglês e revisão das professoras, mostram o interesse dessas profissionais em minimizar os efeitos das salas de aula lotadas e do pouco material disponível para o trabalho com a LE. Várias foram as atividades envolvendo textos, principalmente na E3. Existe, como se sabe, uma quota baixa para cópias disponibilizadas pela escola e, mesmo assim, muitas “folhinhas” com textos e com exercícios variados foram encontradas nos cadernos.

Espero que, em um futuro não muito distante, essas questões atravessem a subjetividade do professor de línguas estrangeiras, para que nos tornemos agentes em um processo de mudança que não pode mais esperar. Os professores, juntos, devemos repensar práticas, teorias e legislação, pois a impressão que se tem desses três eixos é a de que o objetivo, ou seja, o ponto de chegada é o mesmo, mas as rotas são muito diferentes, inviabilizando um diálogo. A lei não entende a teoria, a teoria não entende a prática, e a prática não tem tempo nem autoridade para entender as anteriores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KLEE, Márcia M.; FERRÚA, Ângela P.; MOOR, Anne Marie. Da teoria à prática: o texto como elemento central de uma aula comunicativa no ensino fundamental. In: HAMMES, Wallney Joelmir; VETROMILLE-CASTRO, Rafael (Org.). *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001. p. 143-152.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, São Paulo, v.4, n.4, p.13-24, 1999. Disponível em <<http://www.leffa.pro.br/>>.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SANTOS, Sílvia C. K. A sala de aula de Inglês como língua estrangeira: o limitável das limitações. In: HAMMES, Wallney Joelmir; VETROMILLE-CASTRO, Rafael (Org.). *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001. p. 35-66.

Recebido em setembro de 2007
e aceito em novembro de 2008.

Title: A case study on foreign language teaching: contrasting law, theory and practice

Abstract: *This paper discusses the teaching of English in schools located in a southern Brazilian city. Its purpose is to contrast law, theory, and practice, presenting the contents, the pedagogical procedures, and the underlying objectives identified through the observation of five notebooks from five public schools in Pelotas. The analysis concludes that, for the exercise of citizenship to occur, it is necessary, at least, to work with the skills of reading and writing in the classroom. It is also important to reconsider the status of the English language in schools, considering that there must be more dialogue between law, theory and practice.*

Keywords: *teaching; English as a foreign language; educational law, theory and practice*

ANEXO A

Transcrição do caderno da Escola 1

What's this? (O que é isto?)

[figura de um caderno] *notebook* [figura de um lápis] *pencil*

[figura de uma régua] *ruler* [figura de um livro] *book*

[figura de um giz] *chalk* [figura de uma caneta] *pen*

[figura de uma mochila] *bag*

Dear Jennifer,

It's Tuesday, November 11th. I'm really busy today! At 8 o'clock

I have math, but I don't like math. Then at 9:00 I have music. It's

difficult, but interesting. Next at 10:00, I have history, It's boring, but

at 11:00 I have P.E. That's my favorite subject! I eat lunch at 12:00.

After lunch, I have science. It's a good subject. I like my science

teacher. Mr. Morgan. He's fun.

Love Anne

Complete Anne's schedule with information from letter.

Time	Subject	Disciplinas
8:00 to 9:00	<i>math</i>	Subjects
9:00 to 10:00	<i>music</i>	Portuguese (Português)
10:00 to 11:00	<i>history</i>	Math (Matemática)
11:00 to 12:00	<i>P.E.</i>	Science (Ciências)
12:00 to 1:00	<i>lunch</i>	English (Inglês)
1:00 to 2:00	<i>science</i>	Arts (Artes)
		Geography (Geografia)
		Religion (Religião)
		Physical Education
		(Educação Física) P.E.

Transcrição do caderno da Escola 2

HOUSEKEEPER	(faxineiro)
HOUSEWIFE	(dona de casa)
SECRETARY	(secretária)
RECEPTIONIST	(repcionista)
TRAFFIC COP	(guarda de trânsito)
VETERINARIAN	(veterinário)
MANAGER	(gerente)
FARMER	(fazendeiro, agricultor)
BUTCHER	(açogueiro)
BAKER	(padeiro)
WORKER	(operário)
ARCHITECT	(arquiteto)
REPORTER	(repórter)
JOURNALIST	(jornalista)
SELLER	(vendedor)
DENTIST	(dentista)
SINGER	(cantor)
PILOT	(piloto)
BUS DRIVER	(motorista de ônibus)
MECHANIC	(mecânico)
MODEL	(modelo)
WRITER	(escritor)
WAITER	(garçom)
WAITRESS	(garçonete)
COOK	(cozinheiro)
PRESENTER	(apresentador)

Transcrição do caderno da Escola 3.

Javier lives in Colombia. Anne lives in the United States.

Read Javier's letter to Anne:

Calle Simón Bolívar
Cali

November 10

Dear Anne,

Hello!

I'm thirteen years old, and I'm in the eighth grade at the Colegio Mayor de Cali. We study English on Monday, Wednesday, and Thursday.

My father works in a hotel, and my mother works in a hospital. My sister is sixteen years old, and her name is Isabel. My little brother's name is José Martin. He is only seven.

I like Jazz but my favorite music is pop music. My favorite singer is Chiquita. She's Colombian.

My favorite subject at school is Geography, and my favorite sport is volleyball, but I also play soccer.

I enclose a postcard of Cali and a photo of my family. I'm the boy with blond hair and blue eyes.

Best wishes

Javier

Writing

Correct these false statements about Javier. Write the answers on your own paper.

EXAMPLE: Javier is fifteen years old.

He is thirteen years old.

1. He lives in Buenaventura.
2. He studies English on Tuesdays and Fridays.
3. Javier's mother works in a hotel.
4. His sister's name is Maria.
5. His brother is sixteen years old.
6. His favorite music is Jazz.
7. His favorite singer is American.
8. His hair is black.

Transcrição do caderno da Escola 4

How many people? (Quantas pessoas?)

Verbs – Simple present (Verbos no presente do indicativo)

No presente do indicativo, os verbos em inglês geralmente seguem os modelos abaixo.

To love

I love

You love

He loves

She loves

We love

You love

They love

To wish

I wish

You wish

He wishes

She wishes

We wish

You wish

They wish

Transcrição do caderno da Escola 5

It is horse.
It is brown.
It can see.
It can walk.
It can't write.
—
It is bear.
It is white.
It can hunt.
It can run.
It can't read.

September 21st

Verb to have - Este verbo significa “ter, possuir”

Conjugação:

I have - tenho

You have - tens

He has / She has / It has - tens

We have - temos

You have / They have - têm